

que identificam o assassino, que não seria Jean mas... O leitor logo verá. Porém, os interesses do Estado feminino, com intervenção direta da Cidadã-Presidente, exigem que o assassino seja um homem e Lafontaine máquina o processo policial à medida da moral dominante.

Emma Rochette deseja Pierre como marido, um “macho” dócil como Antoine, e, com autorização do Estado, acolhe-o na sua casa opulenta após o desaparecimento e morte de Francine. Mas Pierre, perturbado com a condenação de Jean, que o despertara para a sexualidade e a vida emotiva, decide dar novo rumo à sua vida. Qual? O leitor saberá quando ler o “Epílogo”. De facto, verdadeiramente, terá sido Jean a matar Francine? Não terá sido Pierre, violentamente atacada por esta? Ou Emma, que invejava a posse do primeiro marido de Francine? Mais, e mais relevante: Francine terá sido realmente assassinada?

Uma bela distopia de natureza policial – empolgante e enigmática como todos os bons romances policiais. JL.

## António Torres Um retrato do Brasil



António Torres “Um dos grandes escritores brasileiros”

com os arquétipos por excelência da origem: o pai, a mãe, o lugar de onde se partiu e a que é preciso regressar para saber quem somos. Estamos condenados a responder ao enigma da esfinge, situada desta vez não à porta de Tebas mas em Junco, lugarejo do sertão brasileiro, neste caso baiano, terra de carência e de secas que podem durar dez anos, onde a vida é sofrida e há poucas ou nenhuma perspectivas de escapar à enxada.

No entanto, nesta paisagem inóspita, a miséria material coabita com um tesouro de afetos e desafetos, cumplicidades e inimizades, indelévels lembranças, felizes e infelizes. O pequeno povoado é um país em miniatura, o particular e local adquire a dimensão do universo.

A figura da mãe, quase rasurada ou só de passagem referida nos livros anteriores, ganha agora uma dimensão paradoxal: a mulher que um dia abandonou o marido, a casa e a aldeia, e vai sozinha de carroça com os filhos para Feira de Sant’Ana, jurando sustentá-los, contra tudo e todos, agarrada à máquina de costura, para que tenham acesso a estudos e escapem à miséria, não surge em primeiro plano. Não é a heroína da história, mas “apenas” uma figura dura e mansa, revoltada e humilde, sem manifestações de ternura mas fiel e estável, que, mesmo apagando-se, sabe estar presente e agir no momento certo. Afinal foi ela que deu a volta ao destino e mudou a história, embora esse papel não seja, intencionalmente, sublinhado. É a sua outra face, a da mulher sem instrução, que vive sozinha, num lugar perdido, rezando aos santos e repetindo dia a dia os mesmos gestos, que o filho reencontra na sua viagem imaginária de regresso a casa.

Sem jeito para muitas palavras, ela não somente é capaz de compreensão e amor, mas também de uma ancestral sabedoria. Pela sua mão se desce ao inferno e pela sua mão se regressa à vida. Beatriz de Dante ou “Dona Maria, minha mãe”, ela é o eterno feminino: Totonhim acompanha-a ao mundo dos mortos e regressa à vida através dela. Parir um filho não é pequeno feito. Parir-lo duas vezes é um milagre que poucas vezes acontece. E no entanto é isso o que se passa neste livro: no lugar onde um ciclo de vida se fechou, há um novo ciclo de vida que começa. JL.



► Nuno Gomes Garcia  
**O HOMEM DOMESTICADO**  
Casa das Letras, 232pp., 14,90 euros

esvaiu com o próprio (desconhecido) nome original, e cuja mitologia, como o nágual, pode dar origem a transmutações inesperadas (no frontispício do livro surge uma imagem da estilizada “lucha libre” mexicana...). Mas, tal como com os alter-egos de Tiago Manuel, a autoria é óbvia para quem segue o trabalho de Diniz Conefrey, e assumida no site da Quarto de Jade, editora que dinamiza com Maria João Worm. “Nágual” prolonga uma linha de exploração gráfica e conceptual que vem do notável “Livro dos dias” (também sobre o México pré-colombiano) mas também, num certo sentido, do abstrato “Meteorologias” (em que “anónima” era a temática). Mas quem encontrar o livro sem esse contexto (e/ou num futuro distante, quiçá pós-apocalíptico...) pode não ter acesso a esta informação. Encarará “Nágual” como hoje se admiram tapeçarias, cerâmicas, esculturas e pinturas nos mais variados contextos, cujas autorias se foram sumindo no tempo. Terá de construir em volta a sua própria mitologia. JL.

### TEOLINDA GERSÃO

António Torres é um dos grandes escritores brasileiros de sempre e um dos maiores hoje vivos. Que magnífico português, na variante do seu país, ele nos oferece! *Pelo Fundo da Agulha* é o 3º volume de *Essa Terra*, que Gerana Damulakis refere, com razão, que poderia chamar-se *Trilogia Brasil*. De facto, este é o retrato de um Brasil profundo, resiliente e vibrante, de contradições e contrastes, onde o sonho de triunfar na grande cidade frequentemente se transforma em fracasso.

Não por acaso o tema do suicídio é recorrente nos três livros: tal como no nosso Alentejo, nestas lonjuras tórridas do sertão baiano, sem água e sem sombra, qualquer árvore ou trave pode converter-se em força. É a este núcleo “traumático” que o autor regressa por três vezes – até que, no fim deste livro, o ultrapassa.

A construção da trilogia é um “achado”: como em todas as grandes obras, é fruto de talento, inspiração e acaso – encruzilhadas de momentos históricos e de fatores individuais. Entre cada um destes livros o autor escreveu vários outros, também eles fascinantes, mas, sem ter essa intenção à partida, acabou por regressar duas vezes ao núcleo do volume inicial de *Essa Terra*. Entre este livro e *O Cachorro e o Lobo* medeiam 20 anos, e dez anos separam este

último de *Pelo Fundo da Agulha*.

Três livros, portanto, três décadas, várias histórias e muitas vidas. Tudo foi dito, em múltiplas vozes e personagens. Ou nada está talvez dito: “Toda a história de uma casa e de um tempo resumia-se a uma vírgula num livro em branco”. Estamos sempre de volta ao ponto de partida e de chegada, a Junco (hoje Sítiro Dias), lugar misterioso e fecundo da origem. Viagem até ao território da infância, aos habitantes da aldeia, ao pai, velho lobo solitário, e por último à figura mãe, que vê o mundo pelo estreito buraco de uma agulha.

*Pelo Fundo da Agulha* começa com uma queda: um ser humano “cai” num lugar inóspito, desconhecido, que deixou de ser o lugar habitual. De um momento para outro, sem transição, Totonhim deixou de ser ele mesmo; não é ninguém: ou seja, aposentou-se. O mundo deixou de contar com ele; perdeu o seu território. Acordou de manhã sem despertador e já não é o destacado funcionário do Banco do Brasil com dez mil subordinados seus dependentes. Foi substituído e tornou-se dispensável. Ou imprestável. Sentindo-se traído e injustiçado, está deprimido, zangado com o mundo. Saiu da cadeia de produção a que estava habituado a chamar vida, e, já que deixou de ter utilidade, deixa-se ficar na cama. No limbo.

O tema do homem na cama, ou no quarto, é um clássico. Pensamos em Oblomov, pensamos na *Viagem à Roda do meu*



**Este é um Brasil profundo, resiliente e vibrante, de contradições e contrastes, onde o sonho de triunfar na grande cidade se transforma em fracasso**

*Quarto*, de Xavier de Maistre. Mas *Pelo Fundo da Agulha* é um livro que nos leva através de uma viagem mental, mas nem por isso menos real, a visitar uma vida intensa já vivida. Curiosamente, começa num táxi em Paris, para depois atravessar muitas histórias e lugares. Até finalmente olhar de frente o inferno, lugar por excelência dos mortos. E aí estamos, sem dar conta, na companhia dos grandes temas clássicos, da *Eneida* de Vergílio a Dante. Ou, ainda mais atrás, ao tema de *Ulisses*, do Hades e do regresso a casa.

Mas não são os temas clássicos que diretamente interessam a António Torres, embora eles lhe saltem ao caminho, porque toda a grande literatura é, queiramos ou não, arquetípica. E o que encontramos na trilogia é um confronto



► António Torres  
**PELO FUNDO DA AGULHA**  
Teodolito, 188 pp., 14 euros